

# As transformações no mundo do trabalho e as conseqüências na subjetividade dos indivíduos

*The changes of the work world and the consequences in the individual subjectivity*

## **R** esumo

Este estudo aborda a questão do trabalho e sua importância como fator central na vida de homens e mulheres que, ao viverem num país capitalista, têm este sistema constituindo-lhes uma identidade e um modo de viver. Há algumas décadas o mundo vem sofrendo profundas transformações no universo do trabalho, nas suas relações e, conseqüentemente, na subjetividade das pessoas. Nesse período, surgiram e vêm se mantendo fatores como o desemprego estrutural, trabalhos em condições precárias, exigências constantes, insatisfações, sendo cada vez mais o trabalhador engessado pela supervalorização do capital em detrimento do humano. Com as transformações que vêm ocorrendo neste contexto, resultado da revolução tecnológica, homens e mulheres vêm lidando com tensões para se adaptarem a esses novos tempos. São transformações que nem sempre o trabalhador consegue acompanhar, e, ao suportar cargas maiores de estresse, homens e mulheres acabam se expondo mais às doenças, fragilizando-se física e psiquicamente.

**Palavras-chave:** trabalho, mundo do trabalho, tensão, doença.

## **A** bstract

This study addresses the issue of labor and its importance as a central factor in the life of men and women who, by living in a capitalist country, have their identities and ways of life constituted by this system. In the past few decades, the world has suffered deep transformations in the world of work, and its relations and consequently in the subjectivity of individuals. In this period, factors have arose and gained sustenance such as structural unemployment, precarious labor, constant demands and dissatisfaction. Workers are increasingly trapped by the over valorization of capital in relation to the individual. With the transformations that have taken place in this context, resulting from the technological revolution, men and women have been dealing with tensions to adapt to these new times. They are transformations with which men and women workers are not always able to keep pace and by suffering from greater stress, they expose themselves to disease and become physically and psychically fragile.

**Key words:** work, world of work, stress, disease.

## **Íris Fenner Bertani**

Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Univ. Católica de São Paulo – PUCSP.

Professora Adjunta do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, UNESP/Franca – SP.

## **Sirlene Aparecida Pessalacia Barretto**

Psicóloga.

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, UNESP/Franca – SP.

## Introdução

**N**as últimas décadas o mundo vem presenciando profundas transformações no universo do trabalho, nas relações e também na subjetividade.

Estamos vivenciando um período de transição, de crise no sentido material e psíquico acarretando mudanças e conseqüências significativas no comportamento das pessoas.

Há o crescente desemprego estrutural, com trabalhadores<sup>1</sup> em condições de trabalho precárias, insatisfeitos, subjugados pela maior valorização do capital em detrimento ao humano.

Resulta que homens e mulheres, ao lidarem com situações opressivas, angustiam-se e não encontram formas de expressão de seus pensamentos e sentimentos, vindo a adoecer física e psiquicamente. É quando pode ser observado empiricamente que “paíra no ar” entre muitas pessoas um certo desânimo, sentimento de menos valia, de desvalorização negada, sensação escondida, mas presente nas dificuldades em se adaptar às transformações rápidas e radicais que o mundo do trabalho contemporâneo vem nos proporcionando.

## Transformações no mundo do trabalho

A palavra trabalho se originou do latim – quer dizer *tripalium*, um instrumento utilizado até o final do século XVIII na agricultura. Nos séculos seguintes foi usado também como instrumento de tortura, vindo associar trabalho a sofrimento e suplício.

É notória a idéia de tormento, de algo penoso inscrita no inconsciente do ser humano; haja vista que o mesmo vivencia o trabalho da forma em que o concebe psiquicamente – através do sofrimento.

A concepção e o conceito de trabalho são históricos; eles vêm se desenvolvendo ao longo de toda a humanidade. O trabalho é vivido por homens e mulheres desde a simples solução de sobrevivência até como condição de realização e reconhecimento pessoal. Há toda uma subjetividade implícita que leva os indivíduos a viverem seu trabalho também de forma emocional.

O trabalho é uma atividade vital para aquelas pessoas que ainda dispõem de energia e saúde. É através dele que as mesmas se sentem úteis, estabelecem grande parte de suas relações, alimentam sua auto-estima dando significado a si mesmos e a vida.

O trabalho traz consigo um caráter de intermediação entre o ser humano e a natureza, assinalando a passagem do ser biológico para o ser social. Ele propicia o engajamento do indivíduo no social estabelecendo e expandindo relações entre as pessoas.

Para Marx; Engels (1999), a importância do trabalho na vida das pessoas é central, é ação que transforma a realidade e propicia alteração da visão que têm do mundo. Ao analisar o trabalho de forma detalhada refere-o, como um processo de transformação que faz parte da essência humana.

*Aquilo que eles são coincide, portando, com sua produção, com o que produzem e também como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção* (MARX; ENGELS, 1999, p. 75).

O trabalho é ação ou resultado de determinado esforço realizado pelo homem e pela mulher; essa capacidade de trabalho é percebida na sociedade capitalista como uma mercadoria que é comprada e vendida. Essa relação se torna determinante com a Revolução Industrial, passando as pessoas a trabalharem mediante contrato. O sujeito

detentor da força de trabalho passa a ter que satisfazer as exigências de quantidade, prazos, especificações do produto e valor combinado.

Essa inter-relação de compra e venda da força de trabalho irá estruturar o nível socioeconômico e pessoal de cada indivíduo na sociedade, limitado a nível salarial, fator este que vai definir como se diverte, com quem se relaciona, onde mora, o que se alimenta, o que tem de bens materiais. Essa inter-relação vai também especificar os horários que a cumprir, seu tempo ocioso, seu lazer, enfim, dão identidade ao indivíduo na família e na sociedade.

Com o desenvolvimento tecnológico, as indústrias e as organizações estão cada vez mais automatizando suas tarefas. São tecnologias que viabilizam um processo rápido e eficiente de maior produtividade e lucro. No Manifesto Comunista escrito em 1848, Marx já previa que, num futuro não muito longe, a vida das pessoas seria invadida pela tecnologia e as conseqüências adviriam.

“A máquina invade, cada vez mais, o campo de ação do operário manual” (MARX; ENGELS, 1999, p. 42). Esse processo de automação leva à fragmentação psíquica, na medida em que o trabalho é fragmentado e destituído de significado.

Essa forma de produção tira do operariado a posse do produto; não é apenas o produto que não lhe pertence mais, ele próprio deixa de ser o centro de si mesmo. O produto assume valor superior ao ser humano, provocando tal desumanização que o leva a coisificação, sendo ele próprio transformado em mercadoria ao ter sua força de trabalho avaliada em preço de mercado:

*[...] o homem comum alienado perde a compreensão do mundo em que vive e torna alheio à sua consciência um segmento importante da realidade em que se acha inscrito* (ANTUNES, 1988, p. 59).

Traduzindo esta situação, podemos afirmar ainda nos dias de hoje que em muitas empresas, ao modernizar a maquinaria, a força de trabalho foi ficando comprometida; a mão-de-obra cada vez mais especializada, atinge o trabalhador que não tem acesso à especialização, que está diretamente ligada à educação; ou seja, à escolaridade e ao grau de instrução.

Há várias décadas as indústrias vêm passando por processos de mudanças em suas operações, surgindo fábricas sem trabalhadores – as tecnologias dispensam a força de trabalho humano, vindo atingir diretamente os empregos, causando mudanças de comportamentos e tensões.

É uma nova era, com a automação, com a robótica e microeletrônica invadindo o universo fabril. Desenvolvem-se novas relações de trabalho e de capital, exigindo do homem e da mulher uma postura mais competitiva e com maiores habilidades e capacidades. Este sistema explora não só a força de trabalho, mas, também, a capacidade intelectual do indivíduo, exigindo dele maior esforço.

## O homem sob tensão

Diante desse cenário o trabalhador vem tendo que se adaptar e lidar com todas essas transformações, o que lhe traz tensões que podem prejudicar sua saúde.

Algumas teorias explicam que o homem e a mulher, enquanto indivíduos, como seres pulsionais – desejantes, sentem necessidade de satisfação e vão em busca dela, fazendo pressão sobre o psiquismo e conseqüentemente sobre o organismo (FREUD, 1926; FREUD, 1930). Sabemos da “enorme contribuição de Freud para o conhecimento do ser humano” (COUTINHO, 1991, p. 13). Ora, se consideramos que na sua dimensão psíquica, a formação do indivíduo está marcada pela satisfação e

insatisfação, de desejo e de prazer, podemos afirmar que o desejo movimenta o sujeito descentrando-o, fazendo com que busque constantemente o objeto de satisfação – da falta. É o desequilíbrio/equilíbrio do organismo individual a característica central dessa explicação do inter-relacionamento humano com o mundo real.

**A sociedade estabelece limites ao homem e à mulher e espera deles alguns comportamentos pré-estabelecidos que, conseqüentemente, lhe trazem frustrações e tensões.**

O homem e a mulher modernos, ao viverem num mundo complexo buscam fazer com que suas experiências os tornem singulares, sendo o universo pessoal um intrincado de situações e acontecimentos amistosos, hostis, protetores, ameaçadores, desafiadores, estimulantes. A reação frente a cada situação é, via de regra, um produto do hábito, fundado no “equipamento” herdado, nas primeiras experiências e condicionamentos vitais, pelo ambiente físico e social (FREITAS; RODRIGUES, 1997).

Assim, o ser humano já traz em si, no seu interior, a condição de tensão, tendo que administrá-la conforme a sociedade onde vive. Completamos ainda com Santo Agostinho (354-430), que considerava a existência humana nesta terra miserável, e assim se expressava:

*Ai de mim! ‘tem piedade de mim, Senhor!’ Ai de mim! Vês que não és misericordioso, e eu sou miserável. Não ‘é uma*

*provação a vida do homem sobre a terra?’ Quem deseja trabalhos e dificuldades? Ordenas aos homens que as suportem, e não que as amem! Ninguém ama aquilo que tolera, ainda que ame suportá-lo; mesmo que se rejubile em tolerar, prefere não ter o que suportar (AGOSTINHO, 1984, p. 296).*

A sociedade define limites ao homem e à mulher e espera deles alguns comportamentos pré-estabelecidos que lhes trazem, conseqüentemente, frustrações e tensões.

A civilização impõe ao homem e à mulher uma certa quantidade de privações, outras pessoas lhes trazem também outro tanto de sofrimento – há um permanente estado de ansiosa expectativa fazendo com que o indivíduo reaja às restrições, bem como às frustrações.

A experiência da tensão é universal, mas sobre o que constitui a tensão para cada pessoa é variável, ou seja, é a percepção individual de determinado acontecimento como gerador de tensão que constitui fator crucial. É a interpretação de um acontecimento como gerador de tensão que depende da experiência vital do indivíduo, do valor que ele, subjetivamente atribui ao acontecimento.

Assim sendo, o ser humano vive numa condição de tensão e conflito permanentes, podendo se acentuar com a necessidade de sobrevivência e com ela a questão do trabalho e suas relações com todos seus significados.

## A subjetividade expressa no corpo

Diante de um ambiente de trabalho opressivo, insatisfatório, o trabalhador tem mais chances de desenvolver doenças físicas ou psíquicas

decorrentes do estresse que essas situações podem causar, pois necessita lidar por um longo período com cargas emocionais que passam a ser maciças e tensionantes.

Chamamos de relações do trabalho todos os laços humanos criados pela organização, como as relações com a hierarquia, com a supervisão, com outros trabalhadores e que muitas vezes são desagradáveis e até insuportáveis. São fontes de ansiedade que até se superpõem ao ritmo de trabalho imposto e mesmo às tarefas repetitivas e desinteressantes. O trabalhador quando em situações que lhe exigem um grande esforço constante pode desenvolver reações emocionais negativas como o medo e a angústia, podendo instalar disfunções psíquicas e comportamentais, tornando-se um candidato a problemas de saúde (DEJOURS, 1997; RYAN, 1993).

As condições da organização do trabalho e as relações que estabelece, quando difíceis são nocivas à saúde do trabalhador, surgindo sintomas que muitas vezes irão aparecer no corpo físico. Não é raro vermos pessoas tensas e insatisfeitas com o seu trabalho se queixarem de mal-estar, dores de cabeça, estômago, labirintites, taquicardias e, em estados mais evoluídos, de medos que se transformam em fobias e pânico aumentando o risco de um colapso mental ou a instalação de uma doença mental mais grave (SILVA, 1994).

A saúde está relacionada com a qualidade das relações que conseguimos manter com as outras pessoas, com os laços de amizade e de amor que estabelecemos em casa e no trabalho. E, a partir deste ponto de vista, observamos que as doenças muitas vezes vêm atender a uma necessidade interior humana, embora dificilmente disso se tenha consciência.

Há uma transferência para o corpo do que deveria ser suportado no plano psíquico; o corpo manifesta-se por que psiquicamente não foi possível para

a pessoa elaborar o vivido. Assim, as insatisfações profissionais, as pressões do trabalho, quando intensas, são causadoras de sofrimento mental que vai produzir sintomas e doenças no corpo, ou mesmo desencadear e agravar as patologias latentes ou aquelas que a pessoa já possui controladas.

**A saúde está relacionada com a qualidade das relações que conseguimos manter com as outras pessoas, com os laços de amizade e de amor que estabelecemos em casa e no trabalho**

Pessoas que vivem em situações de tensão, sendo lhes exigido mais do que conseguem absorver, que se sentem sem saídas e em ameaças constantes, são levadas a desenvolver uma resposta orgânica. A incapacidade de “virar a mesa”, de comunicar e transformar uma situação tensional insuportável faz com que a pessoa “fale” com a “linguagem dos órgãos”, ou seja, o adoecer de determinado órgão pode ser muitas vezes a forma inconsciente do indivíduo proclamar seu sofrimento, por não conseguir fazê-lo de outra forma.

A doença se realiza, como uma válvula de escape dos conflitos intrapsíquicos e emocionais. É quando o indivíduo faz do corpo o palco para a expressão de suas angústias. Há pessoas que vivem em permanente estado de tensão, rivalidade e competição, muitas vezes bloqueando a manifestação física desses estados. Com a repetição dos bloqueios interiores esses sujeitos se tornam vulneráveis e predispostos à ocorrência de doenças como a hipertensão arterial, enxaque-

cas, hipertiroidismo, artrite, síncope, diabetes, doenças cardiovasculares e tantas outras mais (SONTAG, 1994).

Para nós, seres humanos, a grande determinante do potencial nocivo do estresse é um estado interior de insatisfação conosco mesmo e com a vida; sendo o trabalho um fator central na vida das pessoas, possui implicações decisivas no seu bem-estar e na sua identidade.

## Considerações finais

O trabalho traz um universo de significados, cujas transformações trazem por sua vez implicações aos modos de viver e subjetivar; é vital para a sobrevivência das pessoas, identificador de estilos de vida e da própria identidade pessoal, passa a ser essência da vida. Traz em si mesmo uma dicotomia – suplício e necessidade; sofre-se com ele e necessita-se dele para poder viver.

É através do trabalho que o indivíduo concretiza seus ideais e constrói bens necessários à sua sobrevivência.

Os meios de produção sofreram uma revolução tecnológica, havendo um decréscimo da utilização da força de trabalho humano gerando muitos conflitos. Essa alteração veio comprometer a vida do trabalhador, nos seus relacionamentos familiares, com amigos, em suas crenças e atitudes, enfim; implicações no seu modo de viver o mundo na contemporaneidade.

Os trabalhos monótonos, repetitivos, com grande desgaste físico e mental, sem reconhecimento e valorização, levam o indivíduo a um sofrimento mental que poderá acarretar-lhe doenças.

São sofrimentos psíquicos e físicos que vêm abater o trabalhador, e pelas suas angústias e por se ver prisioneiro de seus próprios sentimentos e condições sociais estruturais, podem vir a modelar atitudes e comportamentos.

Recebido em 11.08.2004. Aprovado em 30.09.2004.

## Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1997.

COUTINHO, C. N. Pluralismo: dimensões teóricas e políticas. In: CADERNOS ABESS 4 – *Ensino em Serviço Social: pluralismo e formação profissional*. São Paulo: Cortez, maio 1991.

FREITAS, A. C. L.; RODRIGUES, A. L. *Stress e trabalho: guia básico com abordagem psicossomática*. São Paulo: Atlas, 1997.

FREUD, S. *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1926, v. XX (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1930, v. XXI (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

KARL, M.; ENGELS, F. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

RYAN, K.; OESTREICH, D. K. *Eliminando o medo no ambiente de trabalho*. São Paulo: Makron Books, 1993.

SILVA, E. S. *Desgaste mental no trabalho dominado*. Rio de Janeiro: Cortez, 1994.

SONTAG, S. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

## Nota

- 1 Ao longo deste ensaio ocorre com frequência o emprego da palavra “trabalhador” na forma masculina. Trata-se de uma generalização, usada apenas como recurso de simplificação gráfica, sem a intenção de limitar identidade sexual. Considere-se, portanto, que em todas as ocorrências da palavra “trabalhador” as autoras referem-se aos gêneros feminino e masculino.

**Íris Fenner Bertani**

irisfenner@netsite.com.br

**Sirlene Aparecida Pessalacia Barretto**

sirbarreto@terra.com.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Faculdade de História, Direito e Serviço Social

Rua Major Claudiano, 1488

Tel 16-37111897

Franca – São Paulo

CEP 14400-690